O Parque Arqueológico do Vale do Côa

O Parque Arqueológico do Vale do Côa, afastado dos principais centros urbanos e da corda litoral que há séculos vem atraindo o povoamento no país, guardou, mercê deste seu carácter periférico, testemunhos bem conservados dos grupos humanos que o escolheram para viver no Paleolítico Superior.

José Paulo Ruas

O sítio do Fariseu, no coração do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Quatrocentas rochas ornadas com motivos paleolíticos ao longo dos 17km finais do curso do rio Côa, na sua esmagadora maioria motivos zoomórficos, são expressivo património, a que se acrescenta o registo arqueológico conservado nos 20 000ha que constituem a área definida como Parque Arqueológico. Os sedimento guardam vestígios de lareiras paleolíticas, cabanas, restos de animais caçados, artefactos, testemunhos que, no caso do sítio do Fariseu, se encontram em conexão directa com os painéis gravados e permitiram datar com rigor a ocupação do local.

A dimensão, antiguidade e estado de conservação do património artístico do vale do Côa, que ditou a classificação pela UNESCO da arte rupestre como Património Mundial, convertem o Parque Arqueológico num local com excepcionais condições para a educação patrimonial e ambiental. Desde 2005, com a criação de um projecto educativo no Parque[1], tem-se procurado acrescentar às visitas regulares aos núcleos de arte rupestre, um leque de oficinas e actividades viradas mais especificamente para o público infantil e jovem.

O caso da oficina de arqueologia experimental, que resulta da conversão de uma linha de investigação desenvolvida pelos arqueólogos[2] num ateliê educativo, é um exemplo da dimensão pedagógica e lúdica que uma actividade de descoberta da arqueologia e do passado humano pode ter[3]. Aborda, com rigor científico, aspectos relevantes do *modus vivendi* do Paleolítico Superior: produção de fogo, de cola, de utensílios de caça e outros associados à vida quotidiana.

A este tipo de actividade preparada, para as escolas ou grupos, como complemento à visita aos núcleos de arte rupestre — e no caso destas visitas

Projecto Educativo do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Nuno Chéu

Visita temática ao núcleo de arte rupestre da Penascosa.

O Parque Arqueológico promove e desenvolve, desde 2005, um projecto educativo que pretende incentivar o gosto pela descoberta e a construção de aprendizagens significativas. As metas projectadas, no âmbito do Plano de Acção Educativa, são: valorizar, divulgar e animar o património cultural; aumentar a oferta de propostas de acção educativa para o público em idade escolar; motivar a comunidade escolar, educadores, professores e famílias à participação activa nas acções propostas.

Todas as escolas e jovens que se deslocam ao PAVC têm uma série de actividades lúdicas e pedagógicas complementares à visita guiada: serviço prévio de apoio à visita *online* (**http;//www.igespar.pt/monuments/53/**), visitas guiadas temáticas, actividades lúdico-pedagógicas (apresentações, jogos, oficinas, *peddy-papers*).

Para as escolas locais, o serviço disponível é mais específico e dirigido. Além das actividades regulares acima mencionadas, elaboram-se outras destinadas às escolas locais que procuram enquadrar todos os níveis de ensino. Actividades que são realizadas tanto dentro do horário escolar e em contexto de sala de aula, como em períodos de férias escolares. Tais actividades são programadas no início do ano lectivo com o agrupamento de escolas, segundo proposta do PAVC. Refiro-me, mais especificamente, a projectos educativos com o pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico, que consistem em oficinas pedagógicas e visitas guiadas à arte rupestre, nomeadamente as oficinas "Era uma vez no Vale do Côa" e "Pedra, pau e fogo" para o pré-escolar, "Pequenos Arqueólogos" e "Uma história por contar" para o 1.º ciclo.

MARTA MENDES

Exposição itinerante "A Arte que o Côa guarda" e o projecto "Côa na Escola"

Rosa Jardim

Oficina de arqueologia experimental no âmbito da exposição "A Arte que o Côa guarda".

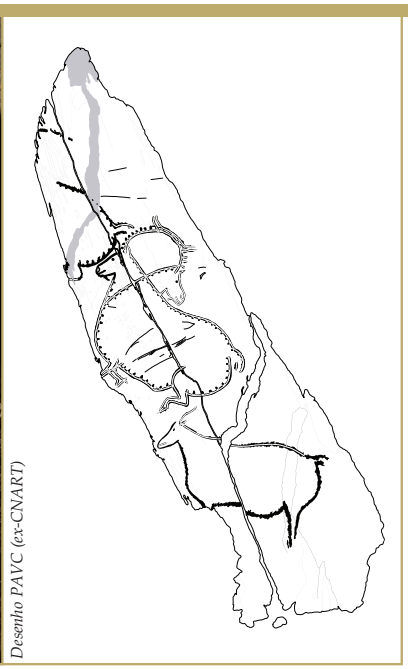
Procurando responder adequadamente à missão de proteger, divulgar e conservar a arte rupestre paleolítica, assim como o património arqueológico e natural do PAVC, desenvolvem-se acções regulares para dar a conhecer o valor patrimonial deste território.

"A Arte que o Côa guarda", exposição itinerante, desenvolvida em parceria com o Município da Guarda, tem sido um importante meio de divulgação da arte rupestre do vale do Côa e do seu património arqueológico. Especialmente direccionada para as crianças, recria um acampamento paleolítico em torno do qual são desenvolvidas actividades educativas: oficinas de arqueologia e pequenas palestras, complementadas com visitas guiadas às réplicas e fotografias da arte rupestre. Esta exposição, inaugurada na Guarda, passou por Braga, Sabugal, Freixo de Numão, Celorico da Beira, Trancoso e Miranda do Corvo. Desde 2007, já levou a mais de 15 000 visitantes a arte que o Côa guarda e cerca de 5 000 crianças participaram em oficinas de descoberta da arqueologia e da vida no Paleolítico no vale do Côa. Esta exposição pode ser solicitada por qualquer entidade interessada.

O património artístico, arqueológico e natural é partilhado com as crianças e jovens dos concelhos abrangidos pelo PAVC com acções de descoberta do território especificamente direccionadas para o público escolar, através do programa "Côa na Escola", dirigido aos alunos do 3.º ciclo e secundário. Iniciado em 2005, na Escola de Vila Nova de Foz Côa, as saídas de campo proporcionam aos alunos a observação directa da fauna e da flora, dos ecossistemas, da geologia e da paisagem e a sua conexão com os diversos testemunhos arqueológicos, sempre enquadrados por monitores especializados. Na escola são dinamizados ateliês de arqueologia experimental de Pré-história Antiga e arte rupestre. Estas actividades são preparadas em colaboração com os professores, procurando-se uma abordagem interdisciplinar com os conteúdos dos programas curriculares de História, Ciências Físicas e Naturais, Biologia e Geologia.

ROSA JARDIM

Pedro Guimarães


Desenho PAVC (ex-CNART)

Quinta da Barca, rocha 3, gravura paleolítica.

José Paulo Ruas

Talhe experimental.

José Paulo Ruas

Museu do Côa (arquitectos Tiago Pimentel e Camilo Rebelo).

aconselha-se vivamente a preparação prévia através do *site* e de contacto telefónico com os técnicos do Parque —, é, também, frequente, sempre que as escolas nos solicitam, a deslocação de um técnico que realiza uma oficina.

Temos procurado acrescentar duas linhas de acção: levar uma exposição itinerante[4] a vários municípios do país, realizando oficinas e procurando despertar o interesse pelo património do Parque Arqueológico, e desenvolver uma ligação mais estreita às escolas dos quatro concelhos da área do Parque (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Meda). Nestes casos, inclui-se um acompanhamento mais próximo, a realização de estágios dos alunos no Parque e uma colaboração mais continuada com os professores[5]. Sabemos que quem melhor aproveita a estadia no Parque é quem programa visitas à sua medida: recentemente uma escola solicitou que acompanhássemos os seus alunos num percurso pedestre de vários quilómetros até um dos núcleos de arte rupestre. Respondemos, também, a pedidos de visitas nocturnas, visitas em BTT, percursos através de locais onde sabemos terem existido acampamentos paleolíticos, complementados com oficinas de arqueologia experimental.

O Parque tem articulado, no Verão, visitas aos núcleos de arte rupestre com programas de divulgação científica de outras entidades, de que é exemplo a observação astronómica da responsabilidade da Universidade de Aveiro; ou realizado actividades tão diversas como a recriação de uma refeição à maneira paleolítica, o desenho e observação da arte paleolítica sob orientação de artistas contemporâneos, a aprendizagem do levantamento da arte rupestre com os arqueólogos, a realização de ateliês de olaria, a experimentação de sonoridades ancestrais.

O património é da humanidade, o modo de o estudar, fruir e apreender depende também de todos nós. Desafiamos, nestas páginas, escolas, grupos e famílias a procurarem e interpelarem o Parque e a sugerirem visitas à medida da sua curiosidade, interesse e criatividade. Desde que antecipadamente agendada[6], cada nova solicitação enriquece a oferta do Parque em situações de aprendizagem e fruição. A abertura prevista do Museu do Côa ampliará as condições e a oferta educativa.

NOTAS

[1] Autoria de Marta Mendes.
[2] Thierry Aubry e Jorge Sampaio.
[3] A oficina é sobretudo realizada pelo guia Pedro Nuno Pinto.
[4] Rosa Jardim e Jorge Sampaio são os técnicos responsáveis pela sua concepção e itinerância.
[5] O que tem sido possível em Foz Côa, mas também em Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel.
[6] Através do e-mail visitas.pavc@igespar.pt.

ALEXANDRA CERVEIRA LIMA,
Directora do Parque Arqueológico do Vale do côa